

A CELEBRAÇÃO DE HISPÂNIA: DA DISTÂNCIA AO SONHO E DO INTERESSE AO AFECTO

Aires A. Nascimento

1. Geograficamente colocada na extremidade ocidental do mundo antigo, a Hispânia, se aceitarmos a interpretação dada por Estrabão¹, fazia parte das mais antigas referências literárias do homem grego: o próprio nome de Tartesso teria fornecido a Homero motivo para aí fixar a zona do Tártaro, as expedições de Hércules iam buscar o seu cenário a essas paragens e não era sem motivo que se situavam aí as longas aventuras dos heróis regressados de Tróia, se era verdade que os Fenícios tinham trazido desses lugares longínquos a confirmação de um país edênico em que à riqueza natural se juntavam a amenidade do clima e a bonomia dos seus habitantes (Strab. 3, 2, 12-13), mas não sem que, porventura, se tenha dado transferência de lendas e mitos que tinham localização anterior na região oriental do Mediterrâneo².

¹ Sabido é que o geógrafo grego não esteve na Península, mas obteve os seus dados de outros autores como Políbio, Artemidoro, Asclepíades de Mircia, Posidónio.

² A transferência teria sido tardia, já de época helenística. No entanto, se Estesícoro de Hímera, c. 520, é a fonte de autores mais recentes relativamente às aventuras de Hércules, teremos de remontar a tempos anteriores. Cf. JOSÉ MARÍA BLÁZQUEZ, "Cólquida e Ibéria. La saga de los Astronautas y otras leyendas de la Península Ibérica", *Hispania Antiqua*, 18, 1994, 65-75. Asclepíades de Mirleia, aproveitando a teoria da *Sphairopoia* de Crates de Malos, estará provavelmente na base da transposição, para Oeste, das peregrinações dos heróis gregos, fundando-se para tanto na homofonia de nomes de lugares e de povos que permitiam explicar os poemas homéricos a alunos da Turdetânia; cf. LUCIANO PÉREZ VILATELA, "Los νόστοι en Iberia, según la escuela de Pérgamo", *Cuadernos de Filología Clásica*, n. s. 5, 1995, 321-344.

Já dentro da história testemunhada, não tardou a terra ocidental a entrar nos interesses do homem romano, logo que a estratégia militar lhe fez reconhecer que as fronteiras conquistadas junto de casa eram tão vulneráveis como irredutíveis eram os inimigos cartagineses que, justamente em território ibérico, de há muito, se haviam assentado e daí recolhiam apoios de toda a ordem (Liv. 21, 43,8; Plin. 33,97).

Aceitemos que a informação destas terras ocidentais terá chegado ao homem grego pelos navegadores Fenícios, que já pelo menos desde o séc. X mantêm relações com o reino de Tartesso. Na verdade, independentemente de confirmação arqueológica³, o nome desta cidade está no relato bíblico sob a forma de Társis e anda associado a comércio marítimo dos Fenícios, em tempos do rei Salomão (1 Reg. 10, 22; 22, 49; Isa. 60, 9; Ezech. 27, 12)⁴.

A verosimilhança torna-se tanto mais aceitável quanto a história nos apresenta os Cartagineses, no seguimento dos Fenícios, a explorar de forma sistemática as potencialidades da terra hispânica. Não nos estranha que a lenda tivesse tomado conta da distância: para chegar ao Ocidente era necessário transpor o mar que ficava no centro das terras habitadas; para os que tinham permanecido do outro lado, a realidade só podia ultrapassar o que os seus olhos viam quando as naus descarregavam os produtos dali procedentes. Não nos consta, porém, que o nome de *Lusitania* tenha desencadeado associações com Δύσις, o Ocidente⁵. Para Orósio, ainda, o ponto de referência como extremo do Ocidente é *apud Gades insulas*⁶, que, como se compreende, não se situa naquela província.

³ Apareceu um fragmento de cerâmica micénica em Llanete de los Moros, Montoro, Córdoba, que se atribui ao micénico III b ou c, respectivamente de 1300-1230 ou 1230-1100; o fragmento de cerâmica grega mais antigo pertence ao geométrico II, do séc. VIII a. C., e foi encontrado em Huelva, onde é abundante a cerâmica grega correspondente ao séc. VII a. C. e tempos posteriores. Cf. JOSÉ MARÍA BLÁZQUEZ, *loc. cit.*

⁴ Estes textos bem como os das fontes clássicas foram compilados, a seu tempo, por C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIÓS, *Laudes Hispaniae (Alabanzas de España)*, Madrid, 1948.

⁵ A associação do nome *Lusitania* faz-se em direcção diferente, segundo testemunha Plínio *Hist. Nat.* 3, 8: "Lusum enim Liberi patris aut Lyssam cum eo bacchantium nomen dedisse Lusitaniae et Pana praefectum eius uniuersac". A historiografia medieval, como em R. Ximénez de Rada, *De rebus Hispaniae*, I, 5, não deixará de aproveitar a relação do nome com *lusus* ou *Lysis / Liber* integrado no mito de Hércules e sua luta com Gérion: "[Hercules]... in campo Lusitanie propter uictoriam habitam ludos instituit recolens Olimpiadem quam Pelopius auus eius maternus instituerat in Olimpo, et eam prouinciam a lusu Liberi patris filii Iouis et Ana flumine Lusitaniam nominauit, eo quod in Olimpiade portentum Ioui Olimpico fabricabant".

⁶ Oros. 1, 2, 7: "Europae in Hispania occidentalis oceanus termino est, maxime ubi apud Gades insulas Herculis columnae uisuntur et Tyrrheni maris faucibus oceani aestus inmittitur".

No entanto, a *Ora maritima* de Avieno (do séc. IV) regista (v. 380) a expressão *occidua plaga*⁷, ao assumir um passo de Himílcon, que pode remontar ao séc. VI a. C. E aos naturais não deixaria de aparecer como uma identificação assumir-se pela diferença geográfica quando o Ocidente fosse posto em correlação com as outras terras da ecúmena. Egéria, ainda no séc. IV, é saudada na Terra Santa como procedendo *de extremis terris* (*Itin.* 19, 5) e Hidácio de Chaves, anos mais tarde, referir-se-á à *extremitas Oceani maris occidua* (*Chron.* 41). A distância representou para o homem hispânico um factor de identidade dentro de um mundo durante muito tempo voltado para Leste, mas com isso não fazia mais que reencontrar o seu parceiro oriental que já antes projectara para Ocidente os seus anseios de felicidade. O Ocidente não era um *limes* senão enquanto para lá dele ficava o Oceano desconhecido; mas este, longe de se apresentar cerrado, era campo onde o Sol ia retemperar forças e onde se depositava a esperança de o ver ressurgir no dia seguinte do lado oposto.

2. A integração desse mundo distante na mundividência grega e romana faz-se em vários tempos e de vários modos. Pelo interesse, pelo sonho, pelo mito, e também, a seu tempo, pelo conhecimento científico. Chegará depois o momento em que a relação efectiva e pragmática se tornará afectiva e engrandecedora.

Não nos pode ser indiferente que ao longo dos tempos se recorra à própria realidade para explicar a ficção anteriormente estabelecida ou que o mito assuma dados menos racionalizados. Nem sequer, por outro lado, é de excluir a possibilidade de uma projecção mítica de colonização grega sobre os tempos da guerra troiana⁸, aproveitando para o efeito a associação com o reino de Tartesso⁹. A racionalização fará dizer a Estrabão que Homero situava os Campos Elísios na região ibérica, "cabo do mundo, onde vive o flavo Radamante e onde uma vida de doçura é oferecida aos humanos, onde não há neve nem rigorosa invernia nem chuva em excesso, mas onde não se persentem senão os zéfiros de brisas repetidas que sopram do Oceano e refrescam os habitantes" (*Strab.* 3, 2, 13).

Que o Egipto seja porventura o elemento originário de referência¹⁰ e

⁷ A expressão ocorre por 4 vezes, também no séc. IV, em Amiano Marcelino (18,3,9; 23,6,13; 25,4,14; 25,4,25), mas não identifica a região do extremo ocidente.

⁸ A. GARCÍA Y BELLIDO, "Una colonización mítica de España tras la guerra de Troya. El ciclo legendario de los *nostoi*", *Cuadernos de Historia de España*, 7, 1947, 106-123

⁹ R. DION, "Tartessos, l'Océan homérique et les travaux d'Hercule", *Revue Historique*, 84, 1960, 27-44.

¹⁰ Recorde-se que o nome de Radamante, que a lenda grega dava como filho de Europa e irmão de Mínos, parece estar relacionado com a palavra "amenti" que designava em

que se faça depois a transmutação para a Ibéria, tal processo apenas pode significar a integração do recanto ocidental do mundo em forma particular de relação. Se tal integração tem variantes mais ou menos pronunciadas, ela não desaparece mais do homem mediterrâneo. A primitiva imagem homérica prolonga-se e pode ver-se inscrita no imaginário cristão, quando Venâncio Fortunato¹¹, dirigindo-se a Martinho de Braga, em meados do séc. VI, coloca no Ocidente o novo paraíso, nada inferior ao Éden onde o primeiro homem foi colocado no início da criação: "Tal como Deus no princípio fez o Éden no Oriente, assim, transcorridos séculos, plantou Ele um outro Elísio no Ocidente, em que alguém mais forte que Adão, a saber, o márcio Martinho, seguidor inquebrantável de Cristo, vivesse as riquezas da fé no cumprimento perpétuo dos mandamentos; era tanto o Senhor a tomar a iniciativa de estar com ele pela brisa da tardinha quanto era o próprio homem transformado em paraíso quem, por entre as praças diamantinas de um coração desperto e a vegetação cerrada de efeito primaveril (não porque fosse uma parra de figueira a cobri-lo, mas porque havia os frutos a adorná-lo), em fé firme, aderira aos traços seguros do sagrado redentor que caminhava ao seu encontro".

3. Se a primitiva imagem homérica, com os seus traços edénicos, pode ser reconhecida neste passo tão rebuscado, e se ela se prolonga ainda em momento de *deploratio*, tal como se encontra em Rodrigo Ximénez de Rada, na sua *Historia de rebus Hispaniae*¹², tal aspecto não

egípcio o mundo dos mortos e que o zéfiro era um vento que no delta do Nilo amenizava o ar marinho; aqui se teria inspirado o poeta, influenciado porventura pelos contos egípcios que, de resto, se limitam a anunciar a felicidade eterna prometida aos justos depois da morte. Cf. nota ao passo *Od.* 4, 568 ss. em *Odyssée*, trad. par VICTOR BÉRARD, introd. et notes par JEAN BÉRARD, Paris, 1955, p. 983 ss.

¹¹ *Carminum libri*, rec. F. Leo, Berlim, 1881, IV – *MGH*, A. A., p. 101-106: "sicut ad Orientem Eden a principio, ita decurso saeculo alterum ad occasum Deus plantasset Elysium, in quo fortior Adam, id est martius Martinus, inexpugnabilis accola Christi, fide ditior uiueret, perpetuo seruante mandato; quem tam ad auram dominus reuisendum post meridiem pergeret, quam ipse uir factus paradus inter perspicui cordis zmaragdinas plateas et uernantis operis inumbrantes corymbos (non quod ficus tergeret, sed fructus ornaret) inambulantis in se beati redemptoris adhaesura uestigia coherceret fide figente".

¹² A reminiscência bíblica é, no entanto, predominante: "Hispania quippe, quasi paradus domini, V.e principalibus fluminibus irrigatur, scilicet Hybero, Doria, Tago, Ana et Bethi, montanis inter quelibet interiectis. Medieque ualles sui latitudine deseruiunt ubertati et humore fluminum fecundantur et pro magna parte riuis et fontibus irrigantur, set et puteorum sufragia raro desunt. Fecunda frugibus, amena fructibus, deliciosa piscibus, sapida lacticiniis, clamosa uenationibus, gulosa armentis et gregibus, superba equis, comoda mulis, priuilegiata castris, curiosa uino, deses pane,

é senão resultado de recuperação, pois outra imagem se lhe havia sobrepuesto ao longo do tempo.

É outra efectivamente a que predomina em Estrabão quando dá conta das riquezas próprias do solo hispânico. É este pródigo em enormes quantidades de ouro, prata, cobre e ferro que dali são extraídas e podem ser consideradas da melhor qualidade (Strab. 3,2,8). A crónica da conquista romana, por seu lado, revela bem os interesses instaurados. Tito Lívio (26,47,7) assinala que a conquista de Cartagena, em 209, rendeu aos vencedores nada menos que 276 páteras de ouro, quase todas de uma libra de peso, 18.300 libras de prata em bruto e já cunhada, grande quantidade de vasilhas argêntas, 400.000 moios de trigo, 270 de cevada; os navios romanos haviam podido, àquele tempo, carregar trigo e armas juntamente com cobre, ferro, linho, esparto e outros materiais. Cipião, segundo testemunho de Políbio (10,8,1), na sequência dessa conquista, "entra em Roma levando consigo para o erário público, 14.342 libras de prata, em bruto¹³, e grande quantidade do mesmo metal já cunhado". L. Cornélio Lântulo, no ano 200, fez carregar para o mesmo erário a quantia de 43.000 libras de prata e 2.450 de ouro (bastante mais que o conseguido por seu colega de governação, o qual não ultrapassava 1.200 libras de prata e 30 de ouro destinadas ao tesouro). Em 195, o governador da Hispânia Ulterior transportava 14.732 libras de prata em bruto, 17.023 já cunhadas com biga e 278.000 de prata ocense. No mesmo ano, Pórcio Catão, cônsul da Hispânia Citerior, levou no seu triunfo 25.000 libras de prata ocense e 1.400 de ouro.

Os ingressos no tesouro romano sucedem-se a ritmos relativamente regulares e em quantidades enormes¹⁴. Não é assim de admirar que um espírito analítico e observador, como Posidónio de Apameia, depois de referir as riquezas produzidas pela terra ocidental, acentue, segundo testemunho ainda de Estrabão (3,2,9), que o solo era tão rico que não parecia morada de Hades, mas de Pluto.

O ouro do rio Tejo é mencionado inúmeras vezes pelos poetas através do epíteto *auriferus* (Cat., 29,11; Ov., *Am.* 1,15,34; Juvenal, 3,55;

diues metallis, gloriosa sericis, dulcis mellibus, copiosa oleo, leta croco, precellens ingenio, audax in proelio, agilis exercicio, fidelis dominio, facilis studio, pollens eloquio, fertilis in omnibus; nulla in fertilitate similis, nula municionibus comparabilis, pauce magnitudine equales, in liberalitate precipua, fidelitate preciosa, in audacia singularis" (*Historia de rebus Hispaniae*, III, 21).

¹³ Cerca de 4.000 Kg, segundo alguns intérpretes.

¹⁴ Para uma síntese da questão e suas consequências de aproximação de dois povos, cf. JOSÉ M^o BLÁSQUEZ, "Las explotaciones mineras y la romanización de Hispania", in JOSÉ MARÍA BLÁSQUEZ & JAIME ALVAR (eds.), *La Romanización en Occidente*, Madrid, 1996, pp. 179-200.

Sen., *Thy.* 354; Luc., 7, 755; Marc., 1, 49,15; 10, 96, 3; 10,16,4; Plin., 4, 115: 21; 33, 66, etc.).

O subsolo hispânico albergava ainda outros metais, como chumbo, ferro, estanho, mínio, pedras preciosas, mármore, os quais não deixam de receber oportuna referência mais ou menos explícita. E não eram apenas estes os produtos apetecidos, pois os encômios recaíam também sobre outros, como o vinho, o azeite, o figo, o cereal, o linho, o esparto e bem assim o gado das planícies hispânicas e o peixe das suas águas.

4. Uma imagem de opulência percorre, efectivamente, os textos antigos relativamente à Hispânia e quase passam despercebidas outras referências. Tão larga ela era que sobrepujava outros aspectos da experiência e as recordações prendiam-se ao nome dos heróis que se cantavam. Traço do reconhecimento de outros pelo que de próprio se aprecia terá ficado na nota relativa à existência de uma sociedade culta em que o próprio ensino escolar tinha os seus momentos e agentes desde os tempos mais remotos¹⁵. A fase de identificação é posterior. Historicamente, a primitiva miragem de um país distante, onde se projectavam utopias, é modelada pelo realismo de experiências e pela racionalização das possibilidades de montar estratégias ou recolher riquezas. A pouco e pouco irá despertar conhecimento científico que, pelo ponteiro do geógrafo, apoia e eventualmente corrige actuações pragmáticas ou reajusta a imagem de um mundo que antes tendia a identificar-se com a própria sombra.

A *Ora Maritima* de Avieno¹⁶, na forma em que nos chega é tardia (c. 400 a. D.), mas sabemos que recolhe, directa ou indirectamente, tradições de séculos (que remontam provavelmente já ao séc. VI a. C.). À imagem global juntou a precisão dos nomes (ainda que nos possa escapar a sua identificação de hoje) e o traço dos acidentes geográficos ou bem assim a regionalização dos produtos¹⁷. Hispânia é Ofiussa, depois de ter sido chamada Estrímis e deve o seu nome às serpentes que a invadiram e

¹⁵ Anota Estrabão (3, 1, 6): "(Os turdetanos) são considerados os mais sábios dos Iberos, pois servem-se de gramática e têm escrita de notória antiguidade, poesia e leis em verso com uns seis mil anos, ao que dizem".

¹⁶ Cf. AVIENO, *Orla Marítima*, introd., trad. e notas de JOSÉ RIBEIRO FERREIRA, Coimbra, 1992 (2ª ed.).

¹⁷ Cf. vv. 51ss.: "Aqui, Probo, parte do meu coração, encontrarás quantas ilhas se erguem pelo mar – ou seja por aquele mar, o nosso mar que, depois da concavidade em que a terra se abre desde o golfo de Tartesso e as ondas atlânticas, se estende até longínquas regiões. Terás os golfos recurvos e os cabos – quando o litoral se alonga em reentrâncias e quando os montes penetram longamente as ondas. Verás como as altas cidades são banhadas pelo mar, de que nascentes brotam os grandes rios, como pressurosos atingem o abismo do mar e cingem ilhas a cada passo; como os portos amplamente encurvam os braços seguros" (trad. cit.).

afugentaram os antigos habitantes. É cheia de reentrâncias marítimas bonançosas, de ondas com esplendor cristalino, de litorais suaves. Regista um viajante o caudal dos rios e as dificuldades de acostagem, mas escapam-lhe as encostas semeadas de oliveiras (cultura provavelmente introduzida pelos Fócios), anotam-se planícies férteis e montanhas a proporcionarem metais preciosos, rios remansosos e clima ameno, ocasionalmente marcam-se distâncias e registam-se nomes de terras para servirem de pontos de orientação a quem se aventurava para longe e ousava enfrentar as fúrias marítimas. Se isto sossegava o marinheiro não respondia certamente aos interesses de quem fazia contas à rendibilidade de um esforço de viagem.

Estrabão, mais atento às riquezas, conjuga a imagem de vastidão com a de pormenor descritivo. "A Ibéria assemelha-se a uma pele distendida no sentido longitudinal, do poente para nascente, com as patas anteriores para leste e a largura de norte para sul. O seu comprimento é de uns 6.000 estádios e a largura maior atinge 5.000, havendo pontos onde não chega a 3.000, como é junto dos Pirenéus, que são a fronteira oriental" (*Strab.* 3, 1,3). Sabe ele distinguir as diversas regiões para não incorrer no erro de outros que iludidos pela feracidade das regiões comerciais tomaram a parte pelo todo.

Mas não é o reconhecimento das zonas depauperadas que afasta. Plínio, o Velho, é autor bem atento às variedades da zona ocidental (cf. *Hist. Nat.* 3, 30; 33, 60) e não faz ele menos que colocar a Hispânia logo depois da Itália (37, 203) numa hierarquização de terras: "Se exceptuarmos as riquezas fabulosas da Índia, seria levado a considerar que a Hispânia é similar à Itália. Está rodeada de mar por todos os lados. Embora seja em parte improdutiva, a verdade é que onde produz é abundante em cereais, azeite, vinho, cavalos e metais de toda a espécie, no que iguala a Gália; aliás, nas zonas desertas, a Hispânia leva a dianteira pelo esparto e pela pedra dos espelhos e bem assim pela delicadeza dos pigmentos e pelo ardor que põem no trabalho, pelo préstimo dos escravos, pela resistência física dos seus homens e pelo temperamento resolutivo destes".

5. Do homem hispânico guardou-se desde Tucídides (6, 90) a imagem de gente belicosa. O conjunto de traços alarga-se em autores tão diversos como Aristóteles (*Polit.* 1324b, 19), Políbio (2,1,8; 1,7,7), Horácio (*Carm.* 2,6,1; 2,11,1; 4,14,41; 4,5,28), T. Lívio (21,7,1; 23,46,6; 24,47,11), Sílio Itálico (1,190; 3,330 e 340; 12,748; 16, 485 e 566;), Cornélio Nepos (*Hamil.* 4), Plutarco (*Fab. Max.* 7). Pode tomar-se como representativo do retrato das gentes hispânicas um passo de Justino (44, 2, 1 ss.): "Resistem à fome e à fadiga e mantêm o espírito preparado para a morte. São todos de uma sobriedade extrema e rigorosa. Preferem a

guerra a ficarem sem nada fazer; quando não há inimigo de fora, procuram-no dentro. Muitas vezes deixam-se morrer em tormentos para não revelarem o segredo daquele a que deram crédito, preferindo guardar sigilo a ficar com vida. É célebre a resistência de um escravo que em período de guerras púnicas vingou o seu senhor e manteve ânimo alegre no meio dos tormentos, vencendo com serenidade a crueldade dos algozes. São de velocidade extrema e de espírito vivo. Muitos dão mais valor aos cavalos de guerra e às armas que ao próprio sangue".

Um autor como Floro (1,22,38) não deixará de mencionar os traços de nobreza dos homens hispânicos. Mas é já do séc. IV p. C. a referência a *Spania... diues uiris doctis*¹⁸ e Cláudio Claudiano por esse mesmo tempo associa as glórias de Hispânia com as da estirpe Úlpia "a quem deve o Universo tantos imperadores"¹⁹. O elogio que este orador dedica a Serena, esposa do seu amigo Estilício e sobrinha do imperador Teodósio, redundando em encómio da terra hispânica pela boa razão de que, mais que todas as riquezas naturais ou exploradas que vêm também de outras partes do Império, só ela dá a Roma os seus Césares (*Laus Serenae*, 50-78).

Em Latino Pacato Drepânio, no panegírico pronunciado em louvor de Teodósio no ano de 389, a *Hispania* é nitidamente *Mater* a quem se devem não apenas os dons da natureza mas sobretudo a qualidade insigne dos seus homens:

"A teu favor está em primeiro lugar a Madre Hispânia, a terra mais próspera de todas as terras, a quem o supremo artesão das coisas favoreceu mais largamente que a outras nações para a enaltecer e cumular devidamente. Não está ela condenada aos calores do Austro nem submetida aos rigores árticos, favorecida como é pela temperatura média de um e outro círculo. De um lado tem ela os montes Pireneus, do outro o calor do Oceano. (...) Junta-lhe tantas cidades egrégias, zonas cultivadas e incultas repletas ora de frutos ora de gados, junta-lhe as riquezas dos rios auríferos, junta-lhe os metais das pedras brilhantes. Bem sei que as ficções dos poetas, compostas para agradarem aos ouvidos, atribuíram maravilhas a alguns povos, as quais, para serem verdadeiras, têm de ser únicas. Não entrarei a discutir o tema; seja como se escreve, seja Gárgara prodigiosa na produção do trigo, rememore-se Mevânia pelo seu gado, julgue-se a Campânia pelo monte Gaurano, seja enaltécida a Lídia pelo rio Páctolo, contanto que tudo quanto se louva noutros lados se erga à uma para Hispânia. Dela nasceram os homens de armas mais aguerridos, dela os capitães mais experimentados, dela os oradores mais facundos,

¹⁸ *Expositio totius mundi*, in *Geographi Graeci minores*, II, p. 526, cit. ap. ISIDORO RODRÍGUEZ, "Cántico de San Isidoro a España".

¹⁹ Os passos são referidos por C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIÓS, *Laudes Hispaniae* (*Alabanzas de España*), Madrid, 1948, p. 142.

dela os poetas mais preclaros; ela é mãe dos que se sentam a julgar, ela é mãe dos que detêm o ceptro. Foi ela que em tempos nos fez chegar Trajano, foi ela que seguidamente fez chegar Adriano; a ela fica a dever-te o Império. Dê lugar a estas terras a terra Cretense que se gloria do berço de Júpiter, quando criança, e bem assim Delos disputada por duas divindades e a nobre Tebas com Hércules que nela nasceu. Não somos capazes de dar fé ao que ouvimos: é Hispânia que nos dá o deus que temos diante dos olhos"²⁰.

6. O panegírico da terra hispânica enquadra-se por enquanto no elogio do príncipe, um pouco a modo do elogio homérico ou pindárico que associa o herói ao seu lugar de origem, agora na dependência de uma retórica que encontra no sentimento da grandeza do Império os temas que lhe faltavam na vida civil²¹. Se tem amplitude não tem ainda existência autónoma. Esta é-lhe conferida por Isidoro no seu *De laude Spaniae*²², trecho que serve de prólogo à *Historia Gothorum*, escrita em 624. Assume-se aí a tradição anterior²³ e integra-se numa relação encomiástica, lírica, e até epitalâmica, em desdobramentos estilísticos bem medidos numa forma discursiva de estrutura retórica acabada²⁴:

"De todas as terras,
quantas há desde o Ocidente até às Índias,
a mais formosa és tu, ó sacrossanta e sempre fecunda madre de
príncipes
e de nações, Hispânia!
Com razão tu és agora de todas as províncias a rainha,

²⁰ *Panegyricus Theodosio Augusto dictus*, 4, in *Panegyrici Latini*.

²¹ E. R. CURTIUS, *Literatura europea y Edad Media Latina*, trad. cast., México, 1976, pp. 228 ss.; D. MAGNO AUSONIO, *Professori a Bordeaux (Commemoratio Professorum Burdigalensium)*, ed. introd. com. MARIA GRAZIA BAJONI, Firenze, 1996, p. 8.

²² Ainda que o *De laude Spaniae* não apareça em todos os códices da tradição manuscrita, a família hispânica é suficientemente sólida para não deixar dúvidas de autenticidade. Cf. J. MADDOZ, *loc. cit.*; J. JIMÉNEZ DELGADO, "El «Laus Hispaniae» en dos códices españoles", *Helmántica*, 12, 1961, 227-259.

²³ Tenham-se em conta as fontes que o último editor (CRISTÓBAL RODRÍGUEZ ALONSO, *loc. cit.*, p. 169-171) revela na sequência de J. MADDOZ, *loc. cit.*: Omnium... Spania: PLIN., *nat. hist.* 37, 77; mater... Spania... felicior... mater principum: DREP. PAC. *paneg.* 19; tu decus... gloriosa fecunditas: CYP. *de hab. uirg.* 23 ss.; tu bacis opima... beata paricendis: DREP. PAC., *paneg.*, SOL., *collect. rer. memor.*, 115-116, POMP. TROG., *hist. Just.*, 44, 1-3; SIL ITAL., *Punic.*, 1, 220 ss., C. CLAUD., *laus Seren.*, 50 ss., PLIN. *nat. hist.* 37, 77 ss., 4, 17, 33, 21; MART., 12, 98, 1; VERG., *georg.*, 2, 145-148; 3, 17-20; fruiturque... secura: CYPR., *epist. ad Donatum*, 37,2.

²⁴ Adoptamos a divisão baseada em critérios rítmicos proposta por ISIDORO RODRÍGUEZ, *loc. cit.*

a que não apenas o Ocaso mas também o Oriente vai buscar a luz.
Tu és a honra e o ornamento do mundo,
mais que ilustre porção da terra
na qual não pouco se recreia e largamente floresce de gente gótica a
gloriosa fecundidade.

A bom título te enriquece com a abundância de todos os produtos
a mais que indulgente natureza.

Tu és rica em frutos,
de uvas transbordadas,
em searas és exuberante:
de sementeiras te revesteste,
com olivais te ensombreias,
de vinhas são tuas orlas.

Tu és florida nos campos,
nos montes frondosa,
piscosa nas praias.

Tu nos confins do mundo estás situada em máximo deleite;
nem pelo ardor do sol estival és abrasada
nem pelos rigores glaciais ficas enregelada,
mas, cingida pelo círculo temperado do céu,
pelos zéfiros fecundos és alimentada.

Quanto de fecundo têm efectivamente os campos,
quanto de precioso têm as minas,
quanto os animais de belo e útil produzem
tu o dás à luz.

Nem hás de ser postergada pelos cursos de água
aos quais nobilita uma preclara fama de especiosos rebanhos:
a ti ceda o Alfeu em cavalos,
o Clitumno em manadas,
ainda que as aladas quadrigas pelas pistas Piseias
o Alfeu sacrossanto treine para as palmas olímpicas
e aos possantes novilhos Clitumno os tenha imolado em sacrifícios
capitolinos.

Tu na tua grande exuberância não buscas as colinas da Etrúria com
seus pascigos,

nem, repleta de palmas, deixas o olhar nos bosques de Molorco,
nem pela velocidade dos teus cavalos invejas os carros Eleios.

Tu és fecunda nos rios que transbordam,
tu és fulva com as torrentes que trazem o ouro.

Para ti corre a fonte geradora do cavalo.

Para ti tomam cores de fogo os velos tingidos de púrpuras locais
frente às cores Tírias.

Para ti se acende a pedra que rebrilha, por entre a escuridão dos montes recônditos,
 com o resplendor do sol vizinho que lhe toca.
 Rica, pois, em crias e gemas,
 abundante tanto em púrpura quanto em dirigentes e dotes de impérios,
 tão opulenta és em coroar príncipes
 como ditosa em dá-los à luz.
 Com razão já noutros tempos a Roma áurea, cabeça das nações,
 te desejou;
 e embora num primeiro momento te tenha desposado para si essa mesma força Romuleia vitoriosa,
 de novo, todavia, a mais que toda florescente estirpe dos Godos,
 depois de múltiplas vitórias no mundo,
 competiu para te raptar e te amar,
 disfrutando desde então de felicidade e segurança
 por entre as honras régias e as largas forças militares do Império."

A vibração hímnica é evidente nesta emocionante composição que o próprio autor não desdenharia em considerar como epitalâmio. É possível analisá-la em 50 *cola* ou sectores bem delimitados pelo ritmo das cláusulas ciceronianas e bem assim observar o desenvolvimento de um discurso epidíctico em que predomina a *ostentatio* ou a *demonstratio* das grandezas hispânicas²⁵:

<i>Estrutura</i>	<i>Texto: Laudes Spaniae</i>	<i>cláusula</i>
Exordium	1. Omnium terrarum	duplo espondeu
	2. quaeque sunt ab occiduo usque ad Indos	dáctilo – espondeu
	3. pulcherrima es, o sacra semperque felix principum gentiumque mater Spania.	espondeu – crético
Narratio/ /Demonstrativo	4. Iure tu nunc omnium regina prouinciarum	ditroqueu
	5. a qua non occasus tantum	duplo espondeu
	6. sed etiam oriens lumina mutat.	dáctilo – crético
	7. Tu decus atque ornamentum orbis	ditroqueu
	8. inlustrior portio terrae	crético – espondeu
	9. in qua gaudet multum ac largiter floret Geticae gentis gloriosa fecunditas.	duplo crético

²⁵ Seguimos, ainda que com alguma discrepância, o esquema proposto por ISIDORO RODRÍGUEZ, *loc. cit.* Além da análise clausular, deste são também as variantes textuais que divergem de Mommsen e são testemunhadas pelo ms León, Cat., Cod. 22: *frondea* (18) em vez de *frondua*; *cedat* em vez de *cedet* (30); *inuidaris* em vez de *inuidebis* (37).

	10. Merito te omnium ubertate gignentium indulgentior natura ditauit.	crético – espondeu ditroqueu
	11. Tu bacis opima	espondeu – crético
	12. uuis proflua	crético – espondeu
	13. messibus laeta	péon 4º – espondeu
	14. segete uestiris	crético – espondeu
	15. oleis inumbraris	duplo crético
	16. uite praetexeris.	ditroqueu
	17. Tu florulenta campis	duplo crético
	18. montibus frondea	troqueu – péon 1º
	19. piscosa litoribus.	espondeu – proceusmático
	20. Tu sub mundi plaga gratissima sita,	duplo crético – espondeu
	21. nec aestiuuo solis ardore torreris,	crético – espondeu
	22. nec glaciali rigore tabescis	duplo espondeu
	23. sed temperata caeli zona praecineta	duplo espondeu
	24. zephyris felicibus enutris.	crético – espondeu
	25. Quidquid enim arua fecundum	péon 1º – espondeu
	26. quidquid metalla pretiosum	
	27. quicquid animantia pulchrum et utile ferent, parturis.	péon 4º – crético ditroqueu
Refutatio	28. Nec illis amnibus posthabenda	
	29. quos clara speciosorum gregum fama nobilitat.	troqueu – péon 1º
	30. Tibi cedat Alfeus equis,	crético – péon 1º
	31. Clitumnus armentis,	crético – espondeu
	32. quamquam uolucres per spatia Pisaea quadrigas.	dáctilo – espondeu duplo crético
	33. Olympicis sacer palmis Alfeus exercent	
	34. et ingentes Clitumnus iuuenos Capitolinis olim immolauerit uictimis.	duplo crético
Confirmatio	35. Tu nec Etruriae saltus uberior pabulorum requiris	ditroqueu
	36. nec lucos Molorchi palmarum plena miraris	crético – espondeu
	37. nec equorum cursu tuorum Eleis curribus inuides.	ditroqueu
	38. Tu superfluis fecunda fluminibus	crético – troqueu
	39. tu aurifluis fulua torrentibus.	duplo crético
	40. Tibi fons equi genitor;	crético – troqueu
	41. tibi uellera indigenis fucata conchyllis ad rubores Tyrios inardescunt;	crético – espondeu
	42. tibi fulgurans inter obscura penitorum montium lapis iubare configuo uicini solis accenditur.	duplo crético
Peroratio	43. Alumnis igitur et gemmis diues et purpuris rektoribusque pariter et dotibus imperiorum fertilis.	
	44. Sic opulenta es principibus ornandis	espondeu – crético
	45. ut beata pariendis.	péon 1º – molosso
Conclusio	46. Iure itaque te iam pridem aurea Roma,	péon 1º – espondeu
	47. caput gentium, concupiuit,	dáctilo – espondeu crético – ditroqueu

48. et licet te sibimet eadem Romulea uirtus primum uictrix desponderit	espondeu – crético
49. denuo tamen Gothorum florentissima gens post multiplices in orbe uictorias certatim rapuit et amauit,	crético – espondeu
50. fruiturque hactenus inter regias infulas et opes largas imperii felicitate secura.	crético – espondeu

Há quem, complementarmente, se proponha reconhecer neste texto uma estrutura de *Ringkomposition* ou composição anular, que estaria representada quer ao nível do conteúdo quer ao nível da palavra: quanto ao conteúdo "Hispânia, a mais bela das terras" tem correspondência com "Hispânia desejada e amada"; "os seus dotes naturais" tem prolongamento em "produz tudo o necessário"), quanto ao léxico, essa correspondência pode observar-se em *floret Getica gens / florentissima gens Gothorum; mater principum / principibus pariendis*²⁶.

O elenco de materiais teria sido fundamentalmente sugerido a Isidoro por Plínio, o Velho, no passo dedicado a Itália (*Hist. Nat.*, 37, 201-203), de onde também recolhe o epíteto inicial: *pulcherrima omnium est*. De Isidoro seria a escolha daquela estrutura. E uma vez ela admitida, teria sido possível para o hispalense abrir a sua composição a novos elementos recolhidos de várias fontes. Além das já referidas e que têm directamente como objecto a terra hispânica não é de excluir que Isidoro tivesse também presente o elogio de Itália composto por Vergílio (*Georg.* 2, 136-176), pois se a dependência não se nota em correspondências formais ou estruturais, não deixam de coincidir no tom de arrebatamento²⁷ e em abundantes particularidades lexicais²⁸. A Vergílio deve também Isidoro provavelmente a inspiração para acentuar o elemento histórico²⁹ que ele interpreta em relação epitalâmica para celebrar na Hispânia do tempo visigótico a fusão do povo romano e do povo godo.

Constrói-se deste modo um elogio complexo, simultaneamente eru-

²⁶ J. FERNÁNDEZ VALVERDE, "De laude et deploratione Spanie (estructura y fuentes literarias)", in *Los Visigodos. Historia y civilización – Antigüedad y cristianismo*, Murcia, 1986, tomo III, pp. 457-462.

²⁷ Assim os versos finais de Vergílio: "Salve, grande mãe das searas, terra Satúrnica, / grande pelos teus homens: em tua honra cntoo / hinos de antigo louvor, ousando reabrir as fontes santas / e canto um carne ascreu". (*Georg.* 2, 173-176)

²⁸ Cf. J. FERNÁNDEZ VALVERDE, *loc. cit.*, p. 459.

²⁹ Na expressão vergilina, *Georg.* 2, 167-172: "A uma raça destemida de homens, aos Marsos e à juventude Sabélica / ao Lígure habituado às intempéries, e aos Volscos de dardo / ela deu à luz; também aos Décios, aos Márcios e aos grandiosos Camilos / aos Cipiãoes, duros na guerra, e a ti, supremo César, / que agora nas regiões extremas da Ásia já alcanças a vitória / e fazes retirar das cidadelas romanas o homem das Índias sem armas".

dito e vibrante, em que a apóstrofe e os epítetos se acumulam e se sucedem em cadência controlada pelas regras do discurso epidíctico. Ressalta não menos desta construção uma intencionalidade de integração da terra hispânica com seus dotes naturais e gentes numa comunidade alargada a novas gentes e representante de uma cultura humanizada que proporcionará ao homem hispano a oportunidade de se rever numa identidade reajustada, sem rancorês atávicos, na dignidade de cidadão que assume o que de melhor pode recolher no passado.

7. A historiografia medieval hispânica reconhecer-se-á neste quadro isidoriano e há-de alargá-lo a novos horizontes, com actualizações no *Chronicon Mundi* de Lucas de Tui, na *Historia de rebus Hispaniae* de D. Rodrigo Ximénez de Rada, arcebispo de Toledo, no *Poema de Fernán González*, de meados do séc. XIII, na *Crónica Geral de Espanha* de Afonso, o Sábio³⁰.

Trata-se de uma linguagem progressivamente constituída em *topos* literário. Não revela menos uma identidade com um sentido assumido. O tempo que vai de Homero a Isidoro implica um percurso largo de descoberta e de aprendizagem de convívio em espaço que é mais cultural³¹ que geográfico (não se pretende, efectivamente, traçar um percurso ou marcar distâncias entre terras) e procura aprofundar o sentido das relações que se estabelecem nesse espaço. As diferenças que existem entre a referência homérica, feita de utopia, e o estremecimento filial isidoriano pela terra hispânica não são de somenos importância. Não porque devamos apontar desconhecimento de Isidoro relativamente a Homero, mas porque a imagem que aquele forma é fruto de uma cultura que já não é importada, mas se firma em processo de memória e atinge a capacidade de exprimir num presente o que é experiência própria e alheia recolhida em síntese de afectos.

É não pouco significativo que a Hispânia seja por Isidoro saudada na sua dupla dimensão de continuadora das tradições de Roma e portadora das esperanças da nação gética que naquelas se enxerta. A relação filial e o quadro sponsalício (que não passará despercebido em reescritas futuras das *laudes* isidorianas³²) reflectem certamente uma linguagem em que não é difícil reconhecer registos bíblicos, mas reportam-se a

³⁰ JOSEFINA NAGORE DE ZAND, "La alabanza de España en el *Poema de Fernán González* y en las crónicas latino-medievales", *Incipit*, 7, 1987, 35-61; 8, 1989, 13-31.

³¹ Reconheça-se isso em Marcial: 1, 61, 7; 10, 103, ou em textos como a *Expositio totius Mundi et Gentium* (cf. C. FERNÁNDEZ-CHICARRO DE DIÓS, *loc. cit.* p. 138), onde se qualifica *Spania, terra lata et maxima, et diues uiris doctis*.

³² Cf. HELENA DE CARLOS VILLAMARÍN, *Las antigüedades de Hispania*, Spoleto, 1996, pp. 301-323: "Appendice I: La *Laus Spanie* del código de Roda".

situações que outros haviam já tocado. A erudição possível para o seu tempo não ofuscou a clarividência realista das condições em que se fazia a fusão dos dois povos. A consciência de ser hispano-romano não perturbou em Isidoro o acolhimento em influência recíproca.

Aos hispânicos não haverá que assacar, por certo, uma permanente atitude passiva (Marcial, por exemplo, não esquecerá a sua pátria de origem³³), mas só no momento em que reconhecem que têm em suas mãos o seu destino tomam voz para assumirem os sentimentos colectivos e manifestarem uma auto-estima que transforma os modos de dependência em manifestações de afecto e que, alijando a cobiça, desperta o enlevo e fruição dos bens disponíveis. Pelo sonho veio o homem antigo, se é lícito retomar o poeta³⁴; por interesses encurtou distâncias; pelo enlevo se deixou arrebatado. Surpreendido, primeiro, cobiçoso, depois, enlevado, por último. Pelo conhecimento voltamos à *mater Hispania*. Uma vez mais repetimos com o poeta: "Chegamos? Não chegamos? / Partimos. Vamos. Somos".

³³ *Hispania* ocorre 2 vezes; *Hispanus* 4; *Tagus* 10; atente-se em *nostraeque laus Hispaniae* (1, 49, 2); *Tagumque nostrum... nostrae terrae* (4, 55, 2 e 9). Todavia outros poemas, como 1, 49 e 4, 55 são de particular vibração pelas suas terras, enquanto outros parecem revelar elementos tópicos que assumidos tanto revelam devotamento directo como integração de linguagem recebida de outros.

³⁴ Recordamos todo o poema de SEBASTIÃO DA GAMA (*Pelo Sonho é que vamos*, Lisboa, 1959, p. 59):

O SONHO

Pelo Sonho é que vamos,
Comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
Pelo Sonho é que vamos.

Basta a fé no que temos,
Basta a esperança naquilo
Que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
Com a mesma alegria,
Ao que desconhecemos
E ao que é do dia-a-dia.

Chegamos? Não chegamos?
Partimos. Vamos. Somos.